

# FRATURA INSIDIOSA: A ESCRITA DO TRAUMA EM OS MARGINAIS DE JOÃO MELO

FRATURA INSIDIOSA: THE WRITING OF TRAUMA IN OS MARGINAIS BY JOÃO MELO

Júnior Vilarino Pereira<sup>1</sup>

**Resumo:** No conto *Os Marginais*, João Melo empreende o feito de mostrar que todas as saídas potenciais para a revisão da história angolana pós 1975 deverão passar, necessariamente, pelo crivo da linguagem e da subjetividade, e que a prosa de ficção permite a construção de “evidências” para as “destrutivas” experiências traumáticas, fazendo do enlace narrativo o lugar das potencialidades do enlace social. Utiliza-se, aqui, de conceitos psicanalíticos para a abordagem de uma escrita do trauma.

**Palavras-chave:** Ficção; Trauma; Psicanálise; Literatura Angolana.

**Abstract:** In the short story *Os Marginais*, João Melo undertakes the feat of showing that all potential outlets for revising of Angolan history after 1975 must necessarily pass through the sieve of language and subjectivity, and that fictional prose allows the construction of “evidence” for the “destructive” traumatic experiences, making the narrative link the place of the potentialities of the social link. Here, psychoanalytic concepts are used to approach a trauma writing.

**Keywords:** Fiction; Trauma; Psychoanalysis; Angolan Literature.

## 1. Considerações iniciais

Na prosa de ficção contemporânea, a obra de João Melo revela-se instigante de debates acerca de estéticas pós-coloniais em suas relações com a violência e os traumas adquiridos no decurso das transformações políticas e históricas de Angola. No cerne dessas questões macroestruturais, emergem conflitos de natureza intersubjetiva, vivenciados por personagens no contexto

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil. Professor Assistente da Universidade Federal de Viçosa – Brasil. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-3410-1179>. E-mail: [jrvilarino@ufv.br](mailto:jrvilarino@ufv.br).

de suas relações amorosas, amistosas e familiares. A psicanálise, cujo interesse pelas criações artísticas em contextos traumáticos é um campo profícuo, uma vez implicada nas questões da história contemporânea de Angola, pode ajudar depreender do conto de João Melo, em particular, algumas possibilidades de se retomar um dos mais estruturantes de seus conceitos desde Freud, qual seja, o de laço social, sobretudo nas formas pelas quais esse laço é pensado em textos literários.

O conto *Os Marginais*, de João Melo, permite, pois, a ilustração de modos de subjetivação das personagens Carlos e Pedro Buta, que haviam tido engajamentos políticos distintos no contexto político pós-colonial angolano, ao ressignificarem, no presente, suas experiências históricas e subjetivas. Permite indagar-nos, sobretudo, sobre as condições de continuidade dos laços sociais e afetivos entre aquelas personagens, actantes de todo um processo político emancipatório, mas que culminou na atual sociedade de mercado, a qual reconfigura enlaces e desenlaces feitos historicamente na esfera da utopia e da ideologia. Dessa forma, a psicanálise, que, em seu substrato, lida com a singularidade e a irreduzibilidade do inconsciente, propicia, por outro lado, que se aventem hipóteses aproximativas do singular com o coletivo a partir daquele contexto histórico.

Desse modo, Carlos e Pedro Buta são singulares em seu modo de encarar e significar seus engajamentos históricos e subjetivos num período que compreende desde a luta pela libertação, passando pela rivalidade entre os partidos MPLA e UNITA, pela primeira eleição e o processo de pacificação do qual ela se arvorara garantidora, até à guerra travada por esses dois partidos em 1998. Essas singularidades, como construtos de significação irreduzíveis à totalização e à classificação, permitem, ao menos, uma aproximação a duas experiências peculiares da história angolana atual: a do sujeito combatente que migrou voluntariamente para outros países e a daquele que permaneceu no próprio país, encarnados, respectivamente, por Carlos e Pedro Buta.

No conto *Os Marginais*, o foco narrativo tem por interesse trazer à tona uma complexidade de pontos de vista a respeito de tais experiências, expondo conflitos discursivos de revisão do passado independentista. Essas duas experiências podem expressar, ainda, as seguintes conotações políticas: de um lado, o exilado, como um sujeito atópico, até mesmo no sentido literal da palavra - fora do lugar -, um desiludido político, agora residente da cidade de Paris, um traumatizado pelo passado, crítico da deturpação dos ideais revolucionários de caráter marxista; do outro, o sujeito politizado que permaneceu no país, defensor das concessões paulatinas feitas historicamente pelo MPLA à política e à economia liberais, um entusiasta do projeto político de construção de uma nação inserida na geopolítica atual.

A escrita de João Melo, como veremos, não oferece ao leitor duas personagens meramente ilustrativas de um embate maniqueísta. Sua constituição não obedece ao preceito de uma literatura de tipos; são, ao contrário, personagens complexas, mergulhadas em contradições insolúveis, algo de que nos adverte, não sem ironia, o próprio escritor, no curioso subtítulo da obra, colocado entre aspas, parênteses e em itálico, de modo a reforçar o tom da ironia: “(*Destrutivas evidências supostamente irrefutáveis*)”. Logo, elas “ilustram” - com aspas que creio eu aqui necessárias -, um vasto painel ao qual alude a intersubjetividade entre Carlos e Pedro Buta, em que os índices históricos pontuais são menos remissivos e mais instigantes. Na textualidade, esses índices nos fazem encontrar duas personagens cujas experiências irreduzíveis e complexas contêm elementos de outras posturas políticas observáveis na realidade atual angolana, isto é, entre o desiludido político que emigra e o entusiasta revolucionário que permanece, há um espectro enorme de discursos, posições, subjetividades decorrentes da transformação política e de possíveis traumas dela oriundos. O que o conto de João Melo empreende é o feito de mostrar que todas as saídas potenciais para a revisão do passado deverão passar, necessariamente, pelo crivo da linguagem, e que a prosa de

ficção permite a construção de “evidências” para as “destrutivas” experiências traumáticas, fazendo do enlace narrativo o lugar das potencialidades do enlace social.

Desse modo, podemos indagar: de que forma a escrita literária, em *Os Marginais*, propicia laços sociais e discursivos entre posturas atópicas de exilados e aquelas entusiastas de novos rumos políticos da sociedade angolana, cujo desencadeamento não pode ser cotejado senão em razão da revolução que culminou na independência? Em que medida a polifonia é um recurso intertextual que permite lidar com a complexidade não maniqueísta da relação discursiva entre Carlos e Pedro Buta? Como se enlaçariam, narrativamente, essas personagens, que significam, cada uma de modo radical e irreduzível, singular e subjetivo, a experiência que tiveram no recorte temporal de trinta e cinco anos da história contemporânea de Angola, desde a independência até à atualidade?

## **2. O laço social contra a angústia: uma aposta no Outro**

A psicanálise, desde seus primórdios, sempre concebeu o laço social como condição para que o sujeito abdicasse de suas pulsões destrutivas e autoeróticas. Em sua primeira tópica, a da teoria dos instintos, Freud analisou as motivações psíquicas da guerra a partir dessa teoria. No ensaio *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, de 1915, os homens são considerados como seres suscetíveis à cultura, mas que, no contexto de lutas políticas armadas, revelam sua inapetência à civilização. Com o termo “suscetibilidade”, Freud já considera, por oposição, a verdadeira tendência do sujeito, a de retornar a um estado de agressividade contra o meio e contra o outro, ao seu narcisismo originário, a seus instintos autodestrutivos, à sua recusa do laço, ou, como no contexto favorável da guerra, à criação de laços coletivos, porém, pautados no ódio de um grupo por outro:

Assim, a transformação do instinto, em que se baseia nossa suscetibilidade à cultura, também poderá ser permanente ou temporariamente desfeita pelos impactos da vida. Sem dúvida, as influências da guerra se encontram entre as forças que podem provocar tal involução, dessa forma, não precisamos negar a suscetibilidade à cultura a todos que no momento se comportam de maneira incivilizada, e podemos prever que o enobrecimento dos seus instintos será restaurado em tempos mais pacíficos. (FREUD, 2005, p. 296).

Freud, a partir de *Além do princípio do prazer*, de 1920, inicia uma segunda abordagem do aparelho psíquico. Trata-se, nela, de propor que a tendência do psiquismo é o retorno ao inanimado, registro da morte, o da recusa de investimento em objetos externos, as apostas afetivas. Essa concepção do psiquismo, em sua preponderância autodestrutiva e autoerótica, permanecerá como alicerce do pensamento do último Freud. Em 1933, a Liga das Nações, que mais tarde veio a se tornar a ONU, promoveu um diálogo epistolar entre intelectuais sobre os motivos da guerra. No texto *Porquê a guerra*, em resposta a uma carta de Einstein, Freud avança em sua concepção da relação entre a pulsão de vida – a que liga, através de Eros – e a pulsão morte – a que desfaz os laços civilizatórios –, no sentido de mostrar que haveria sempre uma irrupção potencial desta última no mais elevado processo de coletividade e de civilização:

Nossa teoria mitológica dos instintos facilita-nos encontrar a fórmula para métodos indiretos de combater a guerra. Se o desejo de aderir à guerra é um efeito destrutivo, a recomendação mais evidente será contrapor-lhe o seu antagonista, Eros. Tudo o que favorece o estreitamento dos vínculos emocionais entre os homens deve atuar contra a guerra. (FREUD, 2005e, p. 205).

Se os vínculos emocionais forem concebidos a partir da psicanálise lacaniana, é preciso levar em conta o conceito de objeto *a*, formalizado no seminário *A Angústia*. O objeto *a* tem por núcleo o real, registro da

pulsionalidade. Ele é um quantum energético que não passou pelo crivo das representações; possui duas faces: pode tanto causar o desejo quanto a angústia. Na angústia, é o antagonista do vínculo afetivo, de que fala Freud. Lacan formaliza o conceito de objeto *a* como moção pulsional inextinguível, restante dos processos de simbolização, das vinculações afetivas, e, portanto, da incidência do Outro da cultura. Esse objeto lacaniano é causa de dois afetos: a angústia e o desejo. Na angústia, o laço social vê-se desfeito, pois ocorre um desenlace dos registros real, simbólico e imaginário, desenlace esse que é o alicerce de sustentação de uma postura subjetiva. O desejo, ao contrário, é aquilo que incita ao laço social, que permite ao sujeito circular pela cultura, autorizar-se em uma posição subjetiva, como sujeito barrado do inconsciente, representado por  $\$$ . Já a angústia, decorrente de um trauma, lança o sujeito num campo em que as formações inconscientes são dificilmente construídas:

Na medida em que ele é a sobra, por assim dizer, da operação subjetiva, reconhecemos estruturalmente nesse resto, por analogia de cálculo, o objeto perdido. É com isso que lidamos, por um lado, no desejo, por outro, na angústia. Lidamos com isso, na angústia, num nível logicamente anterior ao momento em que lidamos com isso no desejo. (...) Temos aqui o nível da angústia, constitutivo do aparecimento da função *a*. E é no terceiro termo que aparece o  $\$$  como sujeito do desejo. (LACAN, 2001, p. 179-180).

No conto *Os Marginais*, parece haver, penso eu, uma incidência da angústia na subjetividade de Carlos, o exilado atópico. Pedro Buta, a seu turno, poderia até encarnar a dimensão do desejo, a perspectiva daquilo que Freud chamou de “susceptibilidade à cultura”, ou seja, ao laço social, ainda que ele insistisse que esse enlaçamento acontecesse como um imperativo categórico, uma espécie de autoritarismo que faz do entusiasmo político pela atualidade angolana a única saída. Assim, passados trinta e cinco anos da revolução, que possibilidade haveria para a continuação da amizade entre Carlos e Pedro Buta? Essa amizade, nascida no campo do engajamento político e por ele nutrida, seria

imaginável em um contexto de atopia, ou seja, de desengajamento de Carlos e de sua constatação crítica das contradições revolucionárias?

Minha hipótese é que Carlos esteja vivenciando um doloroso processo de desidentificação subjetiva, ou seja, que ele não esteja mais sustentado por uma rede de valores simbólicos e imaginários do estofo da revolução; que ele seja vivenciado como uma irrupção da angústia, esse afeto que, para Lacan, *é aquilo que não engana*; enfim, que Carlos esteja elaborando um trabalho de luto, decorrente da perda do objeto, a utopia; que esse trabalho esteja em curso, que ele oscile entre a angústia do trauma e a simbolização; que ele não possa ser interrompido por nenhum argumento externo que não respeite sua lógica interna de significação.

Por outro lado, Pedro Buta seria uma espécie de censor, uma espécie de função do supereu nacionalista e xenófobo, que propõe o retorno a Angola de seu amigo em exílio como única oportunidade de laço social ou de tentativa de curar as feridas abertas pelo acúmulo das suas frustrações históricas. Essas cogitações conduzem-me a propor que é justamente como um sujeito atópico e em exílio que Carlos tenta encontrar uma saída para sua angústia, que é com essa escolha que ele tenta haver-se com os seus traumas, sendo nesse contexto que ele enseja se pôr em circulação, ou seja, reabilitar-se a novas perspectivas de laço social, de uma conexão com o outro da coletividade e o Outro da linguagem.

Para tanto, recorrerei aos textos de Freud sobre a guerra, priorizando a diferença entre a neurose traumática e a neurose de transferência. Esses textos são relevantes para a análise do contexto histórico do conto, cujas personagens viveram as adversidades das guerras angolanas. A diferença estabelecida por Freud entre luto e melancolia será também utilizada. Em linhas gerais, o luto é a experiência de simbolização da perda do objeto, ao passo que, na melancolia, não há exterioridade objetual, e o sujeito sofre de si mesmo. Isso será relevante

uma vez que intenciono propor que Carlos situe-se subjetivamente entre os dois registros, ou seja, que esteja imerso em uma pulsão autoerótica, cínica, pessimista, cética com relação ao Outro da cultura e do laço social do passado, mas que, por outro lado, esteja implicado em um processo de elaborações significantes que o reabilitem para novas perspectivas de enlaçamentos.

Também de Freud tomaremos a formulação de “narcisismo das pequenas diferenças”, termo empregado pela primeira vez em seu texto *O Tabu da Virgindade*, retomado posteriormente no ensaio *O Mal estar na civilização*, através do qual pôde avançar a hipótese de que o mais elementar dos afetos humanos, o ódio destrutivo e mortífero contra o outro, instrumento de defesa do eu contra as ameaças do ambiente e da cultura, como pulsão sublimada pelas necessidades da convivência preservadora do todo, está apenas em latência. Esse ódio espreita qualquer contexto de luta política e de afirmação contundente dos valores grupais frente a outro grupo, para que ecloda em toda sua virulência mortífera e autoerótica: “Evidentemente não é fácil aos homens abandonar a satisfação dessa inclinação para a agressão. Sem ela, eles não se sentem confortáveis.” (FREUD, 2005d, p. 118).

Enfim, o mal-estar freudiano é fruto da renúncia instintual por parte do sujeito. O mal-estar, de fundo civilizatório, pode regredir para o narcisismo da pequena diferença, de fundo destrutivo. Na vertente da melancolia, essa diferença aproxima-se do conceito de angústia de Lacan, por ser um retorno a um narcisismo primário, sem catexia, ou seja, sem investimento objetal. A angústia não possui um objeto preciso, ao contrário do desejo, que elege um. Ela é um sinal, não um sintoma, o que não lhe confere status de uma neurose de transferência. Para Freud, “nas neuroses traumáticas e de guerra, o ego humano defende-se de um perigo que o ameaça de fora ou que está incorporado a uma forma assumida pelo próprio ego.” (2005b, p. 217).

O sinal é apenas afeto, ele mantém o sujeito suspenso, sinalizando que algo na subjetividade está carente de significação, ou seja, não há uma conversão sintomática, como na neurose de transferência, na qual tenha operado, por meio da metáfora, uma primeira simbolização, de que o sintoma é portador. O sintoma constitui-se, de fato, em uma elaboração que já recorreu aos recursos da linguagem para localizar um mal-estar; ele inaugura a possibilidade de o sujeito barrado lançar-se no desejo, pela identificação de um objeto, segundo a concepção de Lacan:

A angústia é esse corte – esse corte nítido sem o qual a presença do significante, seu funcionamento, seu sulco no real, é impensável; é esse corte a se abrir, e deixando aparecer o que vocês entenderão melhor agora: o inesperado, a visita, a notícia, aquilo que é tão bem expresso pelo termo “pressentimento”, que não deve ser entendido como o pressentimento de algo, mas também como o pré-sentimento, o que existe antes do nascimento de um sentimento. (2001, p. 88).

Carlos, situando-se entre angústia e desejo, localiza, sim, e conscientemente, seu objeto perdido, a utopia marxista-leninista abandonada pelo partido MPLA. Mas angustia-se diante da impossibilidade de fazer valer esse ponto de vista. A angústia de Carlos é expressa, também, pelos pontos de vistas do narrador e de Pedro Buta, que o apresentam como alguém que porta sinais evasivos de descontinuidade no corpo e no discurso, como se a personagem estivesse apenas ensejando, no discurso direto, uma possibilidade de significação da sua experiência traumática, mas que essa ainda não se encontre satisfatoriamente simbolizada.

Meu objetivo será, portanto, ler o trauma de Carlos como experiência cuja significação está em processo. As vicissitudes das perdas acumuladas, dos golpes ideológicos sentidos tão profundamente, ainda possuem uma atualidade que os inserem no registro da melancolia e do luto, isto é, da elaboração em devir. Destaco, do próprio conto *Os Marginais*, o significante *fratura insidiosa*,

uma formulação que, a meu ver, é um ato de nomeação tanto da experiência traumática de Carlos, quanto do processo de sua simbolização. Pretendo cernir em minha leitura uma poética da fratura, apontando na materialidade textual alguns efeitos de quebra e ruptura.

### 3. O trauma de Carlos: entre o histórico e o íntimo

O conto *Os Marginais* poderia ser tomado como a história de uma dívida de cuja existência o devedor, Carlos, nem mesmo suspeita: ele fora salvo por Pedro Buta quando este, integrando uma comissão do MPLA que buscava identificar os golpistas apoiadores de Nito Alves contra Agostinho Neto, exigiu que fosse suprimida uma menção ao seu nome na fala de um dos depoentes revoltosos. Além disso, Pedro era testemunha de que o amigo não havia tomado parte na intentona, pois ele havia passado, em sua casa, a noite que antecederia o golpe. Pedro nunca revelou ao amigo o fato de haver suprimido a menção ao seu nome, talvez por desejar que Carlos se sentisse em dívida com a vertente social-democrata MPLA não por um motivo pessoal, mas ideológico. No entanto, o conto de Melo ressalta a concatenação entre o histórico e o íntimo. Apesar de seus campos opostos no interior do MPLA, Carlos e Pedro mantiveram a amizade ao longo de trinta e cinco anos da história angolana, desde 1974, na independência do país, até a instalação de MPLA no poder, passando pelas guerras civis protagonizadas, principalmente pelo MPLA e o UNITA, pelo processo de pacificação do qual as eleições presidenciais de 1992 pareceram emblemáticas, estendendo-se até 1998, quando eclode a guerra entre os dois partidos, a qual só terminaria em 2002.

Sabemos que a estrutura do conto se propõe revisitar história, revelando-nos personagens engajados no processo político em sua atualidade ambivalente e contraditória, pelo ponto de vista de Carlos: “A maka é que a história não é linear, porra nenhuma! Se não, ela não seria sujeita,

periodicamente, a tantas revisões.” (MELO, 2013, p. 153) A nova história parece ser a motivação de João Melo, método a partir do qual uma história íntima se converte na enunciação de um sujeito que revisita o cânone historiográfico e o desestabiliza em sua autoridade narrativa. João Melo faz ao leitor contemporâneo a seguinte pergunta: e se os heróis e vilões da história escancarassem suas intimidades e nos contassem a história a partir desse ponto de vista?

A intimidade se abre, pois, para nos mostrar dois sujeitos em plena relação dialética, sustentando posturas argumentativas a respeito dos eventos históricos. Paralelamente à revisão dos eventos históricos, são mencionados eventos da história particular que cada um viveu com outros sujeitos: no caso de Pedro Buta, como ele se relacionou com seus pares políticos, os apoiadores do presidente António Agostinho Neto, traíndo a própria causa em favor de salvar a vida de Carlos, engajado na intentona orquestrada por Nito Alves. Pedro é mostrado aqui como um anti-herói, violador do papel político coerente em nome de um interesse pessoal.

Carlos, por sua vez, apresentara, no passado, alguma coerência, passando por reveses íntimos sem se questionar ideologicamente. Um fato que poderia tê-lo feito relativizar seu pertencimento ideológico marxista seria a partida da mulher e da filha. Esta se mostrara indiferente à situação política de Angola, indo embora do país para Portugal, em busca de um lugar onde visse “crescer o filho como uma criança normal”. (MELO, 2013, p. 148). Ora, sabe-se o quanto uma perda amorosa pode desestabilizar um sujeito. Quanto a Carlos, se foi a política a lhe tirar a família, foi também a política a lhe oferecer as justificativas para, à época, compreender e aceitar a perda. Em nome do amor e da paternidade, Carlos não fora capaz de rever sua ideologia, ao contrário do que fizera Pedro Buta para com a amizade entre os dois. Talvez essas feridas irrompam no presente de Carlos, mal suturadas.

O narrador não explora esse fato. Ele é apenas narrado como uma consequência do engajamento de Carlos no passado. Por outro lado, as frustrações históricas são enfatizadas: o repúdio de Carlos contra as concessões que o MPLA fez paulatinamente às ideias neoliberais, a queda do muro de Berlim, o questionamento da teleologia do progresso de Karl Marx: experiências brutais vividas pelo velho combatente como uma *fratura insidiosa*. No entanto, se quisermos levar em conta um fato não explorado na economia psíquica de Carlos, a partida da mulher e da filha, será possível fazê-lo considerando que, no texto, é como se ele tivesse sido silenciado, referido como simples menção ao passado, e abordando-o como um possível trauma, latente no próprio texto. Sim, mulher e filha, tão logo mencionadas, são eclipsadas do texto, da própria memória de Carlos, da voz do narrador! Já não seria pouco dizer que Carlos perdera o herói Marx, em sua função simbólica do Pai. Seria menos pouco ainda dizer que perdera mulher e filha. A abordagem do inconsciente é a daquilo que está velado, mas não ausente. Talvez essa seja uma experiência, negligenciada por Carlos no instante de seu transcurso, mas que, no tempo da enunciação, o da atualidade da sua vida de exilado, atue como uma moção pulsional que corrobore a angústia.

Acredito que, a par do histórico estruturante do universo narrado, o íntimo das personagens antagônicas emerja enquanto moções pulsionais do trauma. Os eventos íntimos, então, influenciariam em Carlos, sua atopia, em Pedro, seu continuísmo e complacência. Em latência no texto, é da perda do laço afetivo que trata, daquilo que, em psicanálise, se define enquanto amor transferencial. Parece ser menos convencer um ao outro de suas visões de mundo atuais aquilo que incita Carlos e Pedro, do que uma demanda de amor, um fingimento imaginário de possuírem aquilo que não se podem oferecer. A propósito, “amar é dar o que não se tem, a alguém que não o quer”, diria Lacan.

#### *4. O corpo esburacado de Carlos: sinais de angústia*

Como já dissemos, Carlos parece resoluto em suas afirmações e questionamentos, ele desacredita totalmente na possibilidade de Angola viver, no tempo da enunciação, ou seja, o ano de 2010, em que se passa o encontro de Carlos com Pedro Buta, um momento de oportunidades para os angolanos. Ele não acredita que a social-democracia tenha conseguido neutralizar os insucessos da política de matriz socialista. Denuncia em plena consciência o fato de os combatentes angolanos não terem passado de joguetes nas mãos dos países envolvidos na Guerra Fria, identifica a história como jogo em que o poder se exerce pelo poder.

No entanto, esse discurso aparentemente articulado, que revê o passado, analisa-o, essa fala que segue a cadeia do significante, em processo de significação, são relativizados por sinais corporais da angústia, entre os quais a ausência de emoção, que pontua sua voz quando critica as oportunidades atuais da vida em Angola: “Este respondeu-lhe brutalmente, mas sem qualquer emoção na voz: - Oportunidades? Que oportunidades? E para fazer o quê com essas oportunidades? (MELO, 2013, p. 150) A frieza da resposta, sem uma modalização da entonação, marca uma afetação na linguagem, como se não houvesse uma aposta de Carlos no mundo. A ausência de aposta é peculiar do discurso de sujeitos traumatizados que ainda agem e falam sob a atualidade do trauma vivido, numa espécie de presentificação do susto provocado pelo choque. É como se, no espectro dessa violência, atuasse ainda um silêncio da carência de significação. Numa outra passagem do conto, mais uma vez chama atenção a ausência de sentimentos na voz de Carlos, agora na visão de Pedro Buta: “O que mais perturbou Pedro Buta não foi a brutalidade daquelas palavras de Carlos Dias, mas, sobretudo, o facto de ele as proferir de maneira aparentemente desapaixonada, sem levantar a voz” (MELO, 2013, p.151).

Aqui o emprego do advérbio *aparentemente* adverte o leitor de que talvez Carlos estivesse, sim, muito implicado emocionalmente em seu discurso, o que pudesse ter escapado, talvez, à escuta de Pedro. Essa ausência aparente de pathos talvez possibilite ouvir em sua fala ecos do discurso atópico, ou seja, de um sujeito potencialmente cético, cínico. Essa leitura corroboraria a que venho fazendo, pois revela igualmente a ironia de Carlos em face do trauma. Ora, a ironia é uma operação discursiva pela qual o sujeito que exercita o laço social com o Outro da linguagem; ela é uma aposta no campo do Outro, de quem o sujeito espera o reconhecimento de seu discurso. Mas é também seu avesso, fala esburacada, fratura, escritura, o que se escreverá.

Logo, isso reforça a hipótese de que Carlos tenha feito avanços em seu processo de significação do trauma. Porém, concomitantemente, este ainda lhe soa vazio de sentido, como angústia atualizada no próprio instante da enunciação. Ora, é sabido que uma experiência traumática, mesmo no discurso de sujeitos já bem articulados, pode, ainda, fazer irrupções na cadeia associativa de significantes. Desse modo, é inconteste afirmar que, no processo de formalização da fala de um sujeito sobre seu trauma, o significante pode não deslizar em algum momento, não se associar a outro, o que provoca uma hiância, silêncio. A reedição do trauma acontece justamente nesse intervalo, cuja duração dependerá da resposta de cada sujeito.

Em seguida, a ironia cede lugar a uma nova sensação de perda de referências, ou seja, as garantias simbólicas (o engate de Carlos em uma cadeia significante) e os valores imaginários (sua oposição ou aderência ao outro do laço social) são suspensos. Carlos é novamente invadido por uma sensação de vazio, vazio esse onde o corpo não se conecta com o espaço e o tempo, isto é, com a sua própria enunciação, com a sua narratividade, com seu processo de significação da experiência traumática narrada a Pedro Buta. O corpo de Carlos é o lugar onde se crava esse esburacamento:

os olhos inócuos fixos num ponto qualquer do horizonte, vago e distante, como se, escolhido ao acaso por um casting a que não concorrera, estivesse a ler um discurso fúnebre escrito por terceiros para alguém que lhe era total e perfeitamente desconhecido. (MELO, 2013, p. 151).

Um índice característico da economia psíquica do trauma comparece nessa passagem. O que caracteriza o trauma é a invasão, experimentada no corpo, de algo imprevisto e opaco. Trata-se de algo, como diz Freud (2005b), que, num átimo, força o eu do sujeito a assumir um papel numa cena violenta e abrupta, como ocorre nos contextos de guerra, assim como em todos os eventos em que o sujeito é invadido por um Outro percebido por ele como aniquilador.

Essa sensação de ser tomado de assalto é também experimentada por Carlos durante seu sono, o que sugere a produção de sonhos repetitivos que reproduzem a experiência traumática. A repetição é o meio pelo qual o inconsciente ainda se vê como uma presa do trauma, ela é o sinal atualizado de uma angústia ainda não simbolizada. É justamente como uma perturbação do eu, no espaço noturno do sono, que Carlos reavalia sua experiência histórica. Ele refere-se a *uma sensação que [lhe] assalta todas as noites*. (MELO, 2013, p. 155)

E é esse mesmo olhar vago que Carlos tem no final do conto. Na passagem, Pedro Buta o confronta a respeito da pertinência de se permanecer isolado, longe de um projeto coletivo. Carlos não responde, o que indica que ele ainda não possa situar-se, a não ser no espaço do ensimesmamento. Não responder a Pedro é indicativo de uma desconexão de Carlos com o campo do Outro, da linguagem e do laço social coletivo. Esse mutismo diz algo sobre a impossibilidade em que Carlos se encontra de reabilitar-se para os enlaçamentos coletivos. A cadeia significativa, articulada no diálogo final, fica hante, à espera de uma fala, carente de sentido e de significação: “Carlos Dias

não respondeu. Na realidade, tinha deixado de escutar o que Pedro Buta dizia. Os seus olhos estavam fixos nas águas silenciosas do Sena (...)" (MELO, 2013, p.166)

A única reação esboçada por Carlos é um pensamento violento e destrutivo, uma espécie de quase-passagem ao ato. A passagem ao ato, em psicanálise, refere-se a atitudes destrutivas, através das quais o eu, sem ter feito elaborações simbólicas de um luto, de uma frustração, de uma perda, reage destrutivamente contra seu próprio físico: "Aquela tarde, em Paris, estava particularmente amena. Contudo, Carlos tinha uma vontade brutal e inexplicável de estilhaçá-la em mil pedaços, tingindo-a violentamente de sangue." (MELO, 2013, p. 166)

Esse desfecho parece corroborar a tese que vimos defendendo: Carlos faz suas elaborações, mas ainda é surpreendido pela repetição non-sense de seu trauma. Ele ainda necessita, do ponto de vista subjetivo, de tempo para elaborar a experiência traumática. Sua reconexão com o outro, sua reabilitação para novos laços coletivos, sua abertura para conceber o coletivo em moldes diversos dos que aqueles concebidos no passado, não podem, definitivamente, se dar como um imperativo categórico, de que Pedro é representativo, ou como uma tabula rasa, que motiva o pensamento de Carlos. Com efeito, ele ainda está às voltas com sua *fratura insidiosa*.

##### 5. Carlos X Pedro Buta: o inconsciente e o supereu nacionalista

A fratura insidiosa de Carlos, que se instalou surpreendentemente em sua subjetividade, esburaca-lhe o corpo, cujos sinais são índices de uma angústia sem objeto. Lacan dirá que o inconsciente é o tesouro dos significantes. O discurso do inconsciente somente pode irromper pela incidência do Outro da castração. O outro da castração está encarnado pela lei. A lei como outro vem para castrar o eu em sua tendência totalizante. A penetração paulatina da política socialdemocrata não representa, no ponto de vista de Carlos, algo que

garanta a felicidade do sujeito, como propaga a si mesma essa ideologia a que Pedro aderira.

O outro da lei que castra, por interditos, autoriza, ao mesmo tempo, o sujeito a se situar numa posição de desejo, conferindo-lhe uma identidade, uma unidade da qual o corpo é o emblema. O que Carlos não consegue conceber é essa autorização por parte da socialdemocracia. A economia de mercado talvez apenas retire o sujeito da carência para estimulá-lo em um excesso mal distribuído. Parece ser isso o que Carlos denuncia ao chamar os antigos “libertadores” de “gestores dos grandes grupos econômicos”. Nem a carência nem o excesso se podem constituir como uma falta. A falta lança o desejo. Carlos sente as mudanças no interior do marxismo-leninismo ou como carência de princípios ou como excesso de uma ideologia contrária à sua. Esse embate é o que o leva a localizar não uma falta, pois a falta propicia ao sujeito viver a ausência do objeto perdido através da eleição de novos objetos, ou seja, criando metonímias e metáforas de desejo.

Para a psicanálise, é somente quando o sujeito vive a frustração da perda do objeto como experiência da castração fundante da falta, que se criam as condições para a existência do discurso do inconsciente. E desse tesouro de significantes, brotam, metonímica e metaforicamente, os objetos transicionais. Essa é a premissa para o lançamento do desejo. Ora, o que ocorre a Carlos pode ser encarado como uma abertura do inconsciente, pois, afinal, ele está em processo de ressignificação, está fazendo outros laços sociais como exilado na França, laborais e afetivos. No entanto, há um retorno do trauma quando se trata de pensar em Angola. É nesse sentido que se pode dizer que, como traumatizado, o inconsciente de Carlos ainda está ocluso. Seria preciso, como diria Lacan, introduzir a presença do mestre em seu discurso para que o inconsciente aflore, por meio de uma conversão sintomática ou uma transferência.

Seu discurso ainda se produz como um rudimento de inconsciente, como uma reação autoerótica de traumatizado. É verdade, como dissemos, que ele circula entre os significantes, mas seu processo de elaboração do luto é repetidamente interrompido pela irrupção do sem-sentido do trauma. O intervalo, com sua duração lógica própria, é que deve ser levado em conta para sua economia psíquica. Pedro Buta, por sua vez, usa de todos os meios retóricos para fazer com que Carlos adira à avaliação positiva de um retorno a Angola. Ele encarna não um ideal de supereu com que Carlos possa identificar-se, mas um supereu ideal, com fortes conotações xenófobas e nacionalistas. Além disso, ele não concebe outra possibilidade de laço social que não se dê fora da esfera do grupal.

Pedro Buta é a própria encarnação do aniquilamento do inconsciente: o que dizer da sua postura quando decide, mesmo depois de tantos anos, não revelar a Carlos que ele lhe tirara da prisão política, na época do golpe de Nito Alves? Esse segredo representa uma espécie de resistência contra os conteúdos inconscientes, ele reprime a eclosão de um conhecimento sobre a vida e a morte, sobre o amor e ódio envolvidos em sua atitude de salvar a pele de Carlos. O segredo, móbile do inconsciente, o é apenas como véu posto sobre um saber da morte e da vida, velando-o, criando uma falta que o deixa velado, logo, em condições de ser trazido da latência à revelação. Pedro, além de dar uma função distinta ao segredo, vai ainda mais longe em sua tentativa de bloquear o discurso inconsciente do amigo, único meio que ele teria para a elaboração de seu trauma:

Finalmente, dava-se conta da profunda inutilidade de todas as certezas absolutas que, apesar de tudo, tinham feito mover a história até àquele momento em que tentava convencer o amigo a esquecê-la ou, pelo menos, a pôr sobre ela um véu opaco e espesso, alegadamente impermeável (MELO, 2013, p. 150).

Enfim, Pedro Buta age como em uma contratransferência analítica. Ele projeta sobre Carlos suas verdades e seus semblantes, bloqueando o acesso ao inconsciente. Pela insistência de Pedro, o objeto perdido de Carlos não pode nem mesmo surgir do inconsciente com mais contorno. Quanto a esse objeto cair, isso só seria possível num momento posterior à sua localização no inconsciente. Esse momento seria uma espécie de travessia do trauma, ainda que restassem do processo algumas vicissitudes do trauma em repetição.

#### 6. Uma poética da fratura

Uma das grandes questões debatidas pelos dois amigos é o rompimento do laço que ligava Carlos a Angola enquanto um projeto político e de vida coletivo. Ele é cético e pessimista com relação a um projeto de nação angolana inserido no contexto atual da geopolítica socialdemocrata. Para ele, tanto as concessões feitas historicamente pelo MPLA a essa ideologia, quanto a queda do regime nos países comunistas, são uma atitude de subserviência *vil diante das potências ocidentais*. Carlos refere-se aos antigos engajados no processo político de Angola usando o pronome “eles”. Pedro critica severamente essa postura individual do amigo: “Quando foi, então, que o “nós” se cindiu? Quem são os culpados por essa fratura insidiosa, que esvaziou o sonho coletivo e instaurou novamente o “eles”?” (MELO, 2013, p. 165)

Um evento insidioso revela-se surpreendentemente, levando o sujeito a experimentar sua incidência com espanto, susto e a sensação de ter sido trapaceado pelo acaso. O susto é o primeiro sinal indicativo da angústia. Embora as fraturas que acometeram Carlos tenham oferecido algum grau de previsibilidade, pois se tratava de fatos construídos dentro de um processo político e histórico, ele sente que elas incidem sobre sua subjetividade e sua carne de modo insidioso.

De fato, a noção de evento, acontecimento ou fato, inseridos em uma narratividade histórica nexos-causal, é completamente estranha à economia do

trauma. O acontecimento é esvaziado de sua enunciação, de seu tempo e seu espaço, de suas condições de produção discursiva, para ser interpretado como algo desconexo e sem-sentido. Qualquer evento de uma trama subjetiva e histórica está potencialmente à espera de ser percebido, por um sujeito, como traumático. Na economia do trauma, não há evento, nem fato, nem acontecimento. Nada acontece além do puro acaso de uma vicissitude. Pois essa fratura insidiosa referida por Pedro revela sua própria indagação sobre o momento exato, o átimo em que ela se tenha produzido. Pedro acredita que todos os eventos tenham sido preparados e anunciados por um contexto político inelutável de alianças e concessões ideológicas. A historicidade a que se aferra Pedro para dar sentido aos fatos não comparece na significação de Carlos.

Na materialidade textual do conto *Os Marginais* são empregados vários recursos formais que chegam a constituir uma poética da fratura. Em primeiro lugar, no plano narrativo. O discurso do narrador, dotado de muita onisciência, transmite ao leitor a sensação de estar eclipsado pelo diálogo. Longas falas e réplicas permitem ao leitor entrar vivamente no calor de um debate, até mesmo de um colóquio político-sentimental. Quando ele retoma a narração, exige um esforço para se abandone o registro direto.

Uma terceira fratura é a da história, contada a partir do ponto de vista de um traumatizado, às voltas com sua subjetividade esburacada. Nos *Diálogos sobre a Nova História*, DUBY, comparando a historiografia com a trama de uma cortina pendurada, dirá que a história acontece no intervalo entre as pregas, lugar de insinuação do desejo.

Outra fratura, também espaço-temporal, está expressa pela imagem da margem. Ora, aqui João Melo expande semanticamente a noção de marginal histórico. O marginal histórico, essa espécie de bode expiatório, com identidade muito bem demarcada por discursos políticos, transmuta-se num marginal subjetivo. A margem existe porque a água cavou uma fratura. E como fazer

caber esse excesso traumático, representado, no final do conto, pelo rio Kwanza, no exíguo leito do Sena? É a dor imensa que deverá caber nos limites de uma simbolização: “Os seus olhos estavam fixos nas águas silenciosas do Sena, que corria, modesto e ridículo, diante da imagem caudalosa do Kwanza que não lhe saía da cabeça.” (MELO, 2013, p. 166)

Todas essas fraturas intensificam a violência daquela que mais identifica Carlos como um traumatizado: a fratura do seu eu. Como vimos, Freud, em seus ensaios sobre a guerra, fala do choque provocado por um eu totalmente urgente, impreciso e sem sentido que busca sobrepor-se àquele que está sedimentado na experiência identitária e cultural do sujeito. A psicanálise, com Lacan, também postula que a identidade apenas se sedimenta após a passagem pelo estágio do espelho, ou seja, o momento no qual o sujeito constrói uma imagem invertida de si pela percepção do outro, num processo que o leva a conquistar a solidez de um eu, do qual a coesão corpórea é a representação. Essa construção, de base fantasística, funciona como uma tela que protege o eu das ameaças que o sujeito fantasia no Outro, bem como daquelas autodestrutivas, regressivas ao narcisismo primário.

Na angústia, essa tela imaginária é suprimida, o espelho das identificações se quebra; logo, o eu não pode mais se sustentar por sua projeção na alteridade do outro, por seus enlaçamentos sociais. A fratura insidiosa incidiu sobre o eu de Carlos, cujas margens estão em descompasso com a experiência. Essa fratura ainda é sentida como traumática, como repetição. Carlos está em processo de reconstruir sua tela, a fim de, como sujeito esburacado, fraturado, reabilitar-se para novos enlaçamentos. Ele está tentando migrar da situação de sujeito esburacado para a de sujeito barrado \$, isto é, da posição de alguém invadido pelo real, migrando da angústia do sem-objeto para o desejo do objeto metonímico, do sinal para o sintoma.

Definitivamente, a suplência a essa tela esburacada necessita contar com um tempo para o trabalho de simbolização do objeto. A essa tela esburacada não se pode sobrepor, arbitrariamente, o *véu espesso e opaco* do ponto de vista de Pedro. A contratransferência de Pedro, a esse ponto, deixa de ter a função de criar um vínculo de amor, motor da entrada em análise, para se tornar em um entrave analítico, que estimula Carlos a mergulhar em seu trabalho do inconsciente. Por falar em mergulho, o ponto de vista de Pedro contrasta com o do narrador. Este, sim, tem consciência de que *a maka é mais profunda do que qualquer ideologia* (MELO, 2013, p. 161).

A maka, sinônimo de discussão no português angolano, indica que a análise de Carlos já está desencadeada. No entanto, como luto do objeto, ela é interrompida em sua cadeia associativa pela repetição do trauma, pela irrupção de novas moções de angústia e melancolia. O exílio, lugar de novas modalidades de laço e de ressignificação dos laços do passado, é uma experiência analítica, uma aposta no campo do Outro, campo da cultura e da linguagem por excelência. A profundidade do mergulho de Carlos é operada por confrontos com o núcleo do trauma: o corpo. Carlos está às voltas com a fratura insidiosa que sentiu na pele, na carne: sim, ele está aberto à alteridade, longe da simbiose nacionalista-marxista, ainda perto de um amigo com quem conflitava em relação aos laços políticos que os uniam, mas sem rejeitá-lo categoricamente. Ele está na cadeia associativa dos significantes; enfim, ele *começava a ter com a linguagem uma relação menos epidérmica*. (MELO, 2013, p. 154).

### Referências

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Imago, 2005a.

FREUD, Sigmund. A psicanálise e as neuroses de guerra. (1919) In: *Edição Standard das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Imago, 2005b.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Imago, 2005c.

FREUD, Sigmund. O Mal-estar na civilização. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Imago, 2005d. v. 21.

FREUD, Sigmund. Por que a guerra? (1933) In: *Edição Standard das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Imago, 2005e.

FREUD, Sigmund. Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Imago, 2005f.

LACAN, Jacques. O Seminário (Livro 5) *As Formações do inconsciente*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1999.

LACAN, Jacques. O Seminário (Livro 10) *A Angústia*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2001.

LACAN, Jacques. *Os Quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (Livro 11) Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1995.

MELO, João. Os Marginais. In: *Os Marginais e outros contos*. Caminho: Lisboa, 2013.

Recebido em 29/11/2021.

Aceito em 30/01/2022.